



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA

PRESIDÊNCIA

DA REPÚBLICA

PORTO ALEGRE, RS, 19 DE OUTUBRO DE 2001

Meu caro Governador do Rio Grande do Sul, Olívio Dutra; Senhora Olívio Dutra; Senhores Ministros de Estado; Senhor Presidente do Tribunal de Justiça; Senhoras e Senhores Parlamentares; Senhor Prefeito de Porto Alegre; Senhor Presidente da Infraero; Senhores Comandantes da Marinha, da Aeronáutica, do Exército; Senhor Arcebispo de Porto Alegre; autoridades estaduais, municipais; funcionários da Infraero; Senhoras e Senhores,

É significativo que estejamos, hoje, aqui, inaugurando este aeroporto, no dia 19 de outubro, que marca a passagem de um século desde o vôo histórico de Santos Dumont em um balão dirigível. Esta foi – e é, sem dúvida – uma data marcante na história da aviação. O grande feito de Santos Dumont, em 19 de outubro, foi conseguir que um balão voasse de forma governável, e foi chamado de dirigível. O que ele fez foi, portanto, acrescentar à idéia de voar a idéia de rumo. E Santos Dumont, todos sabemos, foi um grande brasileiro que deu uma contribuição não apenas ao Brasil, mas à humanidade e ao progresso da tecnologia.

Ele também teve uma grande tristeza, mais tarde, que foi a de ver o seu invento, o avião, sendo utilizado para fins de destruição na Primeira Guerra Mundial. Ele chegou, mesmo, a solicitar à Liga das Nações, em 1926, que fosse proibido o uso de aviões para fins belicosos. Naturalmente, a solicitação foi em vão.

E o que diria o nosso Santos Dumont dos eventos mais recentes, nos quais os aviões de carreira foram usados como instrumento de violência, uma violência inominável contra civis inocentes? Certamente ficaria horrorizado, como todos nós ficamos e como o Governador Olívio Dutra acaba de expressar, da mesma maneira, o grito uníssono dos brasileiros contra esse horror.

Na verdade, esse horror vem de que esses inventos tecnológicos são moralmente neutros. Em si mesmas, a ciência e a técnica são instrumentos que podem ser utilizados para um lado e para o outro. Quem as torna boas ou más são os homens, dependendo de as utilizarem com propósitos bons ou maus. É o caso dessa nova fórmula de violência, o chamado bioterrorismo, que ameaça com o uso de armas bacteriológicas e químicas. Temos que dar um basta a essa agenda de destruição e de medo que ganhou força nas relações internacionais.

Desde o dia 11 de setembro – já o disseram o nosso Governador e também o Prefeito – a questão da segurança aérea ganhou importância sem precedentes. O Brasil já tomou e está tomando todas as medidas necessárias para assegurar que o nosso sistema aéreo continue a ser, como sempre foi, um dos mais seguros do mundo. O Brasil é um país sem inimigos, um país cuja diplomacia é baseada no princípio do universalismo, na defesa da paz e no respeito ao Direito Internacional. Além disso, a nossa própria formação nacional, embora encerre injustiças – é inegável, a escravidão é a mais gritante dessas injustiças, no passado –, é uma história de convivência pacífica entre grupos humanos de diferentes origens, sem ódio, sem rancores coletivos e sem intolerâncias. Este é o nosso objetivo: evitar que os ódios, as intolerâncias, os rancores tomem conta da sociedade e nos levem para caminhos que não são os melhores. Esse é um patri-

mônio que temos construído ao longo da nossa história. Mantemos o presente e faremos todo o esforço para preservá-lo no futuro.

Alcançamos um nível de sofisticação técnica bastante avançado em vários setores. Este aeroporto, que estamos inaugurando hoje, é um exemplo disso: da excelência técnica e da modernidade que são próprias dos serviços de segurança e das necessidades dos cidadãos. Isso é um avanço extraordinário para Porto Alegre e para o Rio Grande do Sul, e, portanto, para o Brasil inteiro.

Quero também, neste momento, reconhecer aqui o trabalho extraordinário da Infraero, que tem sido fundamental para a expansão e a modernização do nosso parque aeroportuário, seguindo as melhores tradições de qualidade e eficiência. O Ministro Geraldo Quintão se referiu há pouco ao fato de que a Infraero tem expandido, enormemente, a construção de aeroportos. Mencionou que nós já inauguramos 11 aeroportos deste tipo, sem contar os outros de menor expressão. E disse – nem eu sabia – que teremos 11 mais para fazer até o fim de meu mandato. Tomara que possamos fazê-lo, efetivamente, porque seria um sinal de que o Brasil continua firme, como Santos Dumont queria, sendo capaz de dirigir seu próprio rumo.

Eu gostaria também de reafirmar o que disse, ainda recentemente, em Palmas, onde fomos inaugurar um outro aeroporto. Nós temos sob os cuidados da Infraero – creio eu – 68 aeroportos. O Brasil, depois dos Estados Unidos, é o país que tem a maior rede de aeroportos do mundo – e desta qualidade. Talvez seja o momento de repetir essa questão da nossa capacidade de avançar na construção deste nosso país exatamente neste momento, que é de dificuldades.

Esse avanço tem sido com um caráter de parceria. Aqui já foi ressaltado, tanto pelo Prefeito quanto pelo Governador e pelo Ministro Quintão, que temos mantido um caráter de parceria. Temos feito isso não apenas nas obras de infra-estrutura, mas em geral. É uma nova mentalidade. Quando digo nova mentalidade, não atribuo essa novidade a mim nem ao meu governo. Atribuo ao Brasil, à sociedade.

A sociedade entendeu que ela, para avançar, precisa separar as disputas eventualmente existentes, os conflitos, da construção das

condições necessárias para que o povo possa avançar. Naturalmente, convém fazer sempre o que foi feito aqui – como se diria antigamente, a César o que é de César –, reconhecer a parte que corresponde a cada um nesse esforço. Mas tudo temos feito, temos procurado introduzir no Brasil a mentalidade da parceria.

Não creio que haja um prefeito, um governador neste Brasil todo – aqui há muitos, hoje, para nossa satisfação – que possam dizer que o Governo Federal deixou de atender a interesses do povo só porque o prefeito ou o governador não pertence ao mesmo partido do Presidente ou das forças que o apóiam. Pelo contrário. Nós temos apoiado amplamente a todos, com um pensamento só, que é o de fazer o que é necessário para que o povo seja melhor atendido.

Essa mudança de mentalidade não é fácil, mas é assim em tudo. Vejam o Pronaf. O Pronaf talvez seja uma das obras mais significativas do Brasil contemporâneo. Quando assumi o Governo, não havia um tostão para assentamentos rurais, créditos para a produção rural. Um tostão. Assentamento ainda havia alguns. Hoje, são 4 bilhões de reais. O Ministério do Desenvolvimento Agrário tem um orçamento de 5, 6 bilhões de reais. Foi feito em cinco anos. Só que nunca utilizei o Pronaf como moeda de campanha. Nunca saí por aí dizendo: eu dei. Não! Outros dão. Mas quem recebe é o povo, que é o que vale. O que vale é que o povo está recebendo. É bom, entretanto, que se saiba que é uma coletiva na qual os recursos estão fluindo de uma maneira. Não é tudo que se deseja – deseja-se mais –, mas é o máximo que é possível. A mesma coisa se aplica ao Fundef.

Quando assumi o meu primeiro mandato, eu tinha preocupação com todo o Brasil, obviamente, mas chamei a atenção para três regiões. Uma era o Rio de Janeiro, outra era Pernambuco e outra era o Rio Grande do Sul. E a razão era objetiva. Não é porque eu tenha nascido no Rio e seja paulista. É porque vi os dados. Essas três áreas estavam precisando de um impulso para crescer de novo. Estavam um tanto amortecidas. Eu até disse uma vez que o Rio era o farol do Brasil e nós tínhamos de fazer um grande esforço para que o Rio

pudesse, outra vez, ter condições de crescer. Tomamos certas decisões, das quais decorreram modificações.

A indústria do petróleo cresceu no Rio. O Governador do Rio de Janeiro, Governador Olívio, imagine só, recebe 1 bilhão de reais de *royalties* da Petrobras por ano. Um bilhão de reais de *royalties* da Petrobras! E não recebia nada. Nós mudamos para que isso pudesse existir. É claro que não é só o do Rio. Onde houver petróleo, haverá apoio. Mas como investimos muito no Rio de Janeiro, há 1 bilhão de reais.

A indústria metal-mecânica não existia no Rio de Janeiro. Hoje, a Peugeot e a Renault estão lá no Rio de Janeiro, lá perto de Resende. Criou-se ali um pólo de desenvolvimento.

Fizemos no Rio de Janeiro um esforço grande para que houvesse um sistema de telecomunicações mais ativo. Resultado: o Rio de Janeiro tem a taxa de desemprego mais baixa de todos os estados do Brasil hoje, às vezes beirando 4%, que é considerado pleno emprego, por causa do *turn over*. O Rio talvez não saiba que foi uma decisão nossa. Talvez o Rio pense que foi uma decisão da natureza. Mas não foi. Foi um projeto deliberado de fazer com que aquela região tivesse, outra vez, um impulso.

Não tive tanto êxito em Pernambuco. Até hoje, luto para termos lá – o Ministro Eliseu Padilha sabe disso – a Transnordestina. Privatizamos, falei com os donos das empresas privadas, fizemos acordos com o BNDES, com o Tesouro. Até hoje, não conseguimos fazer andar a Transnordestina. Mas fiz – fiz é modo de dizer –, ajudei a fazer o porto de Suape lá em Pernambuco. E o metrô está sendo feito. Uma estrada importante está sendo feita.

Aqui, no Rio Grande do Sul, a minha preocupação foi constante. Eu disse que nasci no Rio e sou paulista. Mas, como muitos aqui sabem, passei uma boa parte do meu tempo de final de juventude e começo de maturidade no Rio Grande do Sul – em Pelotas, em Rio Grande, em Porto Alegre. Fiz uma tese de doutoramento sobre esta região. Meu pai morou muitos anos no Rio Grande do Sul. Tenho um conhecimento e uma afeição muito particulares pelo Rio Grande.

Agora, ao chegar aqui e tomar o chimarrão, alguns se assustaram: será que o Presidente vai tomar e o beijo dele não vai queimar? O meu beijo é grande o suficiente. Pode até queimar. Não importa. Mas o chimarrão me foi oferecido como um símbolo da paz gaúcha. Eu estou habituado a tomar chimarrão. Tomei, passei ao Governador Olívio no mesmo espírito do símbolo da paz gaúcha. E nós dois tomamos o chimarrão pelo povo do Rio Grande.

Então, cada vez que venho aqui, sinto, no meu coração, uma alegria. Eu quase ia fazer uma distinção e citar uma pessoa, que era o Dunga, que está por aqui, para dizer que ele é um belo espírito do representante do Rio Grande do Sul. Depois, fiquei com medo da disputa entre vocês, entre Grêmio e Internacional. Só citei de passagem. Mas ele é um símbolo do Rio Grande do Sul.

Tinha e tenho um enorme empenho pelo Rio Grande do Sul. Então, venho aqui hoje com muita alegria agradecer. Agradecer a parceria que já foi aqui dita e dizer que vamos continuar nos empenhando para que o Rio Grande avance.

Hoje, o Rio Grande do Sul tem um pólo metal-mecânico, tem indústrias que estão dando um novo caminho ao estado. Hoje, o Rio Grande do Sul tem o seu porto do Rio Grande refeito. Espero que, agora, neste mês, se é que já não foi feito, que aquelas pedras, que são necessárias para os molhes do porto do Rio Grande, comecem a subir do fundo do mar para que possamos ampliar a calha do porto do Rio Grande de 14 para 18 metros. Isso vai permitir que o porto do Rio Grande tenha um grande impulso e que esse impulso seja um impulso de toda esta região.

Fizemos estradas. No Rio Grande, aplicamos quase 900 milhões de reais em estradas. Não sei se o Ministro Eliseu Padilha confirma. Se não confirma, o assessor dele que me disse isso está errado. Mas aplicamos 800 milhões em estradas. Estou torcendo para que possamos assinar com o BID o acordo da parte final da duplicação da BR-116, que é o trecho que vai da fronteira de Santa Catarina até Osório. Isso é uma duplicação da grande via que liga o Mercosul a São Paulo,

ao Rio e a Belo Horizonte, e, certamente, passando pelo Rio Grande do Sul e por Santa Catarina.

Ainda agora – e o Governador me dará a honra da companhia – vamos ali a Machadinho, na fronteira entre o Rio Grande do Sul e Santa Catarina, para visitar uma usina hidrelétrica. Lutamos muito para que fosse possível viabilizar, mas não viabilizamos muitas fontes de energia para o Rio Grande.

Então, não fiz tudo que gostaria de ter feito pelo Rio Grande. Mas fizemos bastante. Vamos continuar fazendo com muito afincamento pelo povo do Rio Grande do Sul. E isto aqui é o símbolo disso. É com esse espírito de parceria que nós precisamos enfrentar, no Brasil de hoje, um cenário internacional que é conturbado e cheio de incertezas. Esse é o caminho de um Brasil que tem rumo, que avança e vive em paz. É o que precisamos continuar fazendo.

Apesar de todos os problemas, que são inegáveis, estamos avançando. O Brasil vai continuar a avançar. Não temos medo de crise. Já temos enfrentado tantas e nem por isso o Brasil perdeu o rumo e nem tampouco perdeu a confiança no seu futuro. Só para mencionar a crise de energia elétrica – isso é um exemplo do que é um país quando se sente a perigo e se une, e vence. E vence e sai da crise mais forte do que quando nela entrou, porque resolveu problemas que talvez sem a precipitação da crise fossem postergados por anos a fio. Agora, estamos resolvendo de tal maneira que os investimentos vão poder continuar avançando, porque nós vamos ter resolvida a questão do fornecimento. Não para o meu governo, para o Brasil, portanto pensando nos futuros governos, para que eles possam continuar avançando.

Ouvi, aqui, as palavras do Prefeito e do Governador sobre a nossa pista. Vamos ampliar a pista. Porto Alegre precisa ser um pólo de exportação também aeroportuária. Vamos fazer isso. A Infraero está desejosa de fazê-lo. Haverá possibilidade de avançar. E nós vamos avançar.

Hoje, a sociedade brasileira amadureceu e sabe que é importante não andarmos para trás e não voltarmos a um passado que sofreremos tanto para superar, seja no autoritarismo, seja na falta de

rumo. Se me permitem, Governador, meus amigos aqui presentes, do que nós estamos fazendo, do que eu mais me orgulho é que o povo brasileiro foi capaz de construir uma rede de proteção social. Não havia isso. Nem todos sabem.

Hoje, transferimos renda diretamente – diretamente quer dizer sem intermediação de políticos, de vereadores, de deputados, do Presidente, de prefeitos, governador, cabos eleitorais, nada – às famílias necessitadas de mais de 20 bilhões de reais. Essa rede vai desde a criança de 0 a 6 anos, que tem hoje a bolsa-alimentação, passa pela criança que vai de 7 aos 14 anos, que tem a bolsa-escola. Temos programas de ativação da juventude. Temos programas de auxílio ao desemprego. Temos o programa de tirar todas as crianças do trabalho forçado, das principais formas de trabalho forçado. Até o final do meu mandato não haverá uma só criança brasileira neles. Estarão em escolas. E com bolsa.

Estamos, agora, ultimando as medidas necessárias para distribuir 400 mil financiamentos para a escola superior para as famílias brasileiras. É quase o equivalente a, sei lá, quase tudo que se precisa. Criamos uma rede de proteção social.

Ouçõ muita gente dizer: “Ah, eu não pago imposto, eu sonego. Também não se sabe o que fazem com esse dinheiro.” Pois bem, o conjunto do Imposto de Renda arrecadado da pessoa física não chega a 30 bilhões de reais, ou é por aí. E desses, mais de duas terças partes vão diretamente aos mais pobres – e aos mais pobres mesmo.

Estamos agora fazendo um cadastro único para evitar que haja superposição ou interferência política, de tal maneira que se possa dizer: é pouco, mas não há um brasileiro excluído dessa rede. Não é assim que se combate a exclusão? Não é assim, com o trabalho persistente, com seriedade, que se combate a exclusão? Estamos combatendo a exclusão como nunca foi combatida no Brasil. Isso sempre feito com esse mesmo espírito de parceria. Em todos esses programas há parceria. Há tanta parceria que a população pensa que é o prefeito que fez. Ele ajudou. Pensa que é o governador. Menos. Mais o prefeito. E nunca que é o Presidente. Não me queixo disso porque não

estou aqui para receber. Quem é eleito pelo povo não deve esperar a gratidão do povo, tem que ter a consciência de que serviu ao povo. E eu a tenho. Eu estou servindo ao povo do meu país.

Então, temos que continuar nessa rota de um crescimento sustentado e de início de um processo grande de transformação e de justiça social. É claro que há erros. Quando há erros, não há outra coisa a fazer a não ser corrigi-los. E nós precisamos, sempre, de governos capazes de aceitar que erraram, quando erraram, se erraram, e corrigir os erros. E não ter aquela arrogância própria da ignorância.

Tenho muita fé na continuidade dessas conquistas todas, porque elas vieram para fazer o Brasil continuar firme e forte. No passado, se discutia muito, nos anos 60 – quando eu podia me dedicar com mais afinco às questões teóricas –, a questão do chamado *take off*, da decolagem da economia brasileira. Hoje, já entramos em vôo. E é apropriado dizer isso no aeroporto. Há gargalos, há dificuldades – tantas, meu Deus! Mas o Brasil decolou. Decolou e tem uma turbina forte, de boa qualidade, que é a força da nossa economia, das nossas empresas, do nosso trabalhador e das nossas universidades. É isso que faz o mundo avançar. É um governo que tem rumo, empresas, trabalhadores, universidades, democracia. É o que faz uma nação se constituir.

Recebi, recentemente, de um presidente de uma grande multinacional espanhola, documento a respeito do desempenho da empresa dele aqui no Brasil. O que me deixou muito contente. Ele disse: “Olha, não há no mundo” – não vou citar nem o local, nem a empresa –, neste ramo, um local onde haja engenheiros tão competentes, trabalhadores tão competentes, capacidade de iniciativa tão grande, decisão de fazer e trabalho, força de trabalho, como eu tenho no meu setor, que é multinacional, aqui no Brasil. Vocês brasileiros talvez não saibam a força das turbinas que estão levando este Brasil para adiante. Mas não importa, elas estão avançando.”

Temos um rumo traçado. Conhecemos os instrumentos de navegação. Temos uma democracia sólida que já demonstrou ser capaz de atravessar turbulências. E democracia é isso. Ela permite que se determine o rumo sem imposição autoritária, sem um *diktat*, mas atra-

vés do diálogo, da persuasão e pelo respaldo do voto de um povo livre. Por isso é que – e aí coincido com o Governador – democracia é o outro nome da paz. Queremos continuar construindo um mundo que seja de paz. E com paz e democracia o Brasil constrói seu futuro, como se vê aqui, hoje, em Porto Alegre, de forma muito clara. Graças ao trabalho de todos que aqui se encontram é que foi possível dar essa nova face ao Aeroporto Salgado Filho.

É, portanto, simbólico que no dia 19 de outubro, dia de Santos Dumont, inauguremos, nesta cidade, este aeroporto, com este espírito de parceria, com esta vontade de continuar num rumo melhor para o Brasil, e também sabendo que as turbulências do mundo estão aí, mas que nós temos um povo formidável, uma nação coesa e que seremos capazes de enfrentar as dificuldades sem perder o rumo.

Terei a oportunidade, espero, nos próximos dias, de uma maneira clara, de falar com as pessoas que têm e detêm muito maior poder do que eu pelo mundo afora. Mas o farei com esse mesmo propósito que foi mencionado pelo Governador Olívio Dutra: dizer que temos horror ao terrorismo e queremos a paz. Mas a paz depende de mais justiça, mais igualdade, melhor distribuição de poder no mundo. Precisa de uma ordem mais fraterna. Temos que, agora, diante dos desafios que estão postos, trabalhar por essa ordem mais fraterna, que é a única capaz de permitir que o Brasil dê saltos ainda maiores daqueles que, com as nossas turbinas próprias, estamos dando. Quem sabe, com um combustível, uma vontade universal de maior prosperidade e maior paz, nós possamos, mais depressa, terminar aquilo que nós queremos terminar, que são a injustiça e a exclusão social.

Muito obrigado. Hoje, para mim, foi uma manhã de grande alegria por estar aqui.